

O GAUCHO / GAÚCHO^[1] E A LITERATURA GAUCHESCA

Thaís de Oliveira^[2]

SUMÁRIO: 1. INTRODUÇÃO; 2. O GAUCHO / GAÚCHO (ORIGEM DA PALAVRA); 2.1 A VISÃO DO GAUCHO PELOS ARGENTINOS; 2.2 A VISÃO DO GAÚCHO PELOS BRASILEIROS; 3. A LITERATURA GAUCHESCA^[3] NA ARGENTINA; 4. A LITERATURA GAUCHESCA NO BRASIL; 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM QUADRO COMPARATIVO ENTRE A LITERATURA GAUCHESCA ARGENTINA E BRASILEIRA; REFERÊNCIAS.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a influência do gaúcho e gaúcho para a formação da literatura gauchesca na Argentina e no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: gaúcho; gaúcho; literatura.

ABSTRACT: This paper has as its main purpose to analyse the influence of the gaúcho and gaúcho to the origin of gauchesca literature in Argentina and in Brazil.

KEYWORDS: gaúcho; gaúcho; literature.

1. INTRODUÇÃO

O gaúcho / gaúcho é elemento motivador da criação da literatura gauchesca. Pode-se fazer tal assertiva, visto que, ainda que esta literatura possa ser escrita por um homem da cidade,, a mesma não existe sem que haja nela, e em seu contexto, a presença e os hábitos deste tipo social regional que é hoje também, no Rio Grande do Sul, o seu patronímico.

Por esta razão, procurar-se-á, neste trabalho, apresentar, a literatura gauchesca no que se refere à sua origem, significado, principais obras e autores, tanto na Argentina como no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, como também o gaúcho/gaúcho etimologicamente falando. Além disso, procuraremos apresentar, igualmente, como o gaúcho e o gaúcho eram vistos enquanto integrantes destas sociedades: a argentina e a brasileira.

2. O GAUCHO / GAÚCHO (ORIGEM DA PALAVRA)

O vocábulo gaúcho é um enigma para os etimologistas, uma vez que eles não conseguiram até hoje entrar em um consenso quanto à sua origem. Para autores como Schneider (1962, p. 43), a origem, tanto do gaúcho como da etimologia da palavra, remonta ao século XVII, quando surgem os chamados “gauderios o changadores” vistos como ociosos e vagabundos. O filólogo e historiador João Ribeiro se dedicou à investigação da etimologia da palavra gaúcho, e segundo ele (1979, p. 123):

As palavras americanas, quase todas de uso moderno, sendo moderna a América, oferecem, entretanto, não raras vezes, problemas que desafiam inutilmente a perspicácia e agudeza dos melhores engenhos. Uma, muito nossa conhecida, pode servir de exemplo característico dessa difícil determinação. É a palavra gaúcho. Devia ser fácil de lhe entrever ou achar a verdadeira origem. No entanto, não há outra que tenha proporcionado tantos disparates e tanta incerteza aos mais hábeis investigadores. Desde logo, ninguém sabe ao certo se é vocábulo indígena ou se é transporte europeu adaptado a um fato americano. E nessa vacilação fundam-se as mais estranhas hipóteses.

Conforme indica Reverbel (1986), para alguns autores a palavra gaúcho deriva da palavra araucana cauchu/cachu, enquanto outros acreditam que tenha originado do étimo guacho que significa abandonado, órfão, e assim segue a vasta lista de possíveis origens para gaúcho. De acordo com Villafuerte (2012) gaúcho pode se derivar da palavra em pehuenche “cahu” que tem como significado, amigo, camarada; ou da palavra “cauche” que significa homem fino e astuto.

Vale destacar que tudo o que se estudou sobre a etimologia desta palavra não passou de hipóteses e palpites, pois nunca se chegou à uma conclusão concreta. Entretanto, alguns autores da Argentina, Brasil e Uruguai – locais onde o gaúcho viveu – dizem que alguns idiomas podem ter originado o vocábulo gaúcho “castelhano, português, tupi, guarani, araucano, árabe, charrua, latim, gitano, alemão, francês, inglês, aimará, vasco, quíchua, pampa, hebraico, etc.” (REVERBEL, 1986, p. 9).

Porém, Júlio (1962) afirma que não é a origem etimológica que importa, e sim a configuração moral, social, econômica e etnográfica que o caracterizou desde sua constituição. Neste sentido, nos dois tópicos subsequentes apresentaremos como o gaúcho e gaúcho são vistos na sociedade e pela sociedade onde estão inseridos.

2.1 A VISÃO DO GAUCHO PELOS ARGENTINOS

O gaúcho é considerado, para muitos autores e estudiosos, o Centauro dos pampas, e a explicação para esta definição é bem simples: é difícil imaginar um gaúcho/gaúcho sem um cavalo. O engenheiro Alberto Martín Labiano apud Finucci (2012, p. 29) expressa muito bem esta assertiva quando diz que “el gaúcho de a pie era un ente, le faltaba su mitad, no tenía forma de trabajar ni de subsistir. El caballo era la mejor pilcha del gaúcho”. É como se gaúcho e cavalo fossem um único ser, ou seja, um centauro.

Definindo o gaúcho e complementando esta afirmação Bunge³ apud Villafuerte (2012, p. 26) diz que ele:

Era fuerte y hermoso por su complexión física; cetrino de piel tostada por la intemperie; mediano y poco erguido; mediano de estatura, enjuto, de rostro como un místico, recio y sarmentoso de músculos, por los continuos y rudos ejercicios; agudo en la mirada de sus ojos negros; habituado a sondear las perspectivas del desierto. Su temperamento se había hecho nervioso-bilioso por la alimentación carnívora y género de vida.

Continuando e fazendo menção ao cavalo, Bunge apud Villafuerte (2012, p. 267) afirma que:

Si sobre su corcel era como un centauro, a pie, la misma costumbre de vivir desde niño cabalgando a través de incommensurables distancias, resultaba la figura un tanto deslucida, ligeramente agobiado de espaldas y combado de piernas. [...] En toda la época colonial y hasta el último tercio del siglo XIX, cazador de ganado bravío, domador de potros, capataz de rodeos, soldado y centinela de la civilización en los dominios seculares del indio, ha vivido toda una epopeya de emboscadas sobresaltos.

Percebe-se o profundo estudo do gaúcho realizado por este autor, quando ele procura apresentar, além de características físicas, também hábitos que ele possuía, seja em relação à alimentação e a influência desta em sua personalidade, seja em relação ao contato com o cavalo e às diversas atividades executadas por ele.

Molas (1968, p. 229) entende por gaúcho “a todos los desposeídos del área pampeana, hombres, mujeres y niños”. E ainda afirma que em Santa Fé, até mesmo crianças de 4 a 12 anos sofreram a irracionalidade do recrutamento, sendo detidas e levadas para fazer parte de bandas de músicas de regimentos.

Ludmer (2012, p. 169) define os gaúchos como:

Hombres libres valientes sin tierras que se hacen respetar. Se niegan a someterse, a servir, defienden esa libertad con la ley del

valor, y entonces se ven forzados a quedar fuera de la ley. Es su código mismo, es decir su lengua y el tono de su desafío, el que los pone fuera de la ley y da lugar al lamento.

Para Villafuerte (2012), o gaúcho é um homem tipicamente americano, filho direto de espanhóis e inimigo do índio desde seu nascimento. Além de ser para ele, o primeiro habitante dos pampas ou da província de Buenos Aires e do litoral argentino. A data de seu surgimento é, segundo ele, imprecisa, no entanto o autor afirma que o gaúcho “no era un ser en formación, sino un tipo concluído”, isto é, já era um tipo humano definido.

Gaúcho na visão de Pedro Inchauspe *apud* Villafuerte (2012, p. 25) é o “habitante del antiguo campo abierto, el hombre del caballo, del lazo y de las boleadoras, amén del facón que necesitaba para campar por su respeto en un ambiente erizado de peligros y donde cada individuo se encontraba librado a sus propias fuerzas”.

Para Concolorcorvo *apud* Villafuerte (2012, p. 26), gaúchos “son unos mozos nacidos en Montevideo y en los países vecinos. Mala camisa y peor vestidos, procuran encubrir con uno o dos ponchos, que hacen cama con los sudaderos del caballo, sirviéndole de almohada la silla”. Villafuerte (2012), apoiando-se em uma definição de Groussac^[4], define o gaúcho como o tipo popular argentino da área rural, que trabalhava em fazendas cuidando de gado.

Para Sarmiento^[5] e muitos políticos centralistas portenhos, os gaúchos representavam um poder militar bárbaro de caudilhos federalistas rurais, estes montoneros^[6] ferozes ou irregulares cavaleiros, invadiam, assassinavam, saqueavam, e mantinham a “gaúchocracia” de chefes militares no poder. Para os cosmopolitas de Buenos Aires, o gaúcho ou montonero mantinha o progresso da nação estagnado com sua fronteira de primitivismo e violência. (SLATTA, 1992).

Para Sarmiento (1994), o gaúcho significava o atraso para seu projeto de nação, ao mesmo tempo que lhe provocava – de certa maneira – algum tipo de admiração. Em sua concepção, existiam quatro classes nas quais o gaúcho se enquadrava, e a partir destas categorias é que ele “qualificava” este tipo social: El Rastreador; El baqueano; El gaúcho malo e El cantor.^[7]

Na opinião de Shumway (2005), Sarmiento, em relação ao gaúcho, tinha duas intenções: matá-lo ou educá-lo à força. Ainda segundo Shumway (2005, p.309) “hay una ambivalencia fundamental en gran parte de

su pensamiento. Igual que Hernández, él también se sintió cautivado por lo pintoresco de los gauchos, por su poesía y sus habilidades rústicas.”

Segundo Shumway (2005) o gaucho ou a classe representante do proletariado rural, foi a que mais sofreu sob o governo de Mitre^[8] e Sarmiento, e reitera que o liberalismo argentino, quando não os estava perseguindo, os condenava por meio do esquecimento e da exclusão. Os gaúchos simplesmente não constituíam o sonho liberal de europeização e progresso. Eles foram ignorados, marginalizados; só eram considerados úteis para votar nas eleições e para combater nas guerras.

Neste sentido, Coni (1945) afirma que na capital pampiana, o vocábulo gaucho se propagava cada vez mais com pretextos basicamente políticos, uma vez que unitários e federais desejavam atrair os gauchos para seus partidos, e começaram a acreditar que chamá-los de gauchos não seria um obstáculo para seu propósito, embora em seu foro íntimo eles os desprezassem “cordialmente”.^[9]

Em relação à inserção do gaucho na sociedade argentina da época, é importante destacar que até 1820, a divisão que existia na sociedade e na história argentina já era bastante visível. De um lado desta divisão estavam os liberais, mormente os unitários de Buenos Aires, que viviam com seus olhares voltados à Europa e interessados em importar deste continente tudo o que havia de mais moderno para, desta maneira, dar forma à sua nação, e transformá-la em um reflexo da civilização europeia.

Do outro lado da divisão, encontravam-se os federais, caudilhos provinciais e populistas. O objetivo deles, apesar de ser menos nítido e bem expressado do que o dos liberais, era criar uma política mais inclusiva onde os camponeses, índios, mestiços e gaúchos, todos considerados bárbaros na visão de Sarmiento, tivessem um lugar. (SHUMWAY, 2005)

Sobre a relação entre o gaucho e a barbárie, Estrada (1868, p. 470) diz que:

ese es el gaucho. Ese es el pobre hermano que reclama nuestro esfuerzo para dignificarlo. Si el gaucho fue bárbaro recordad que la Colonia lo educó para la barbarie... Lo que no es lícito que sus hermanos olvidemos es su historia heroica, tan frecuentemente desconocida.

É importante, ainda que não seja tema central deste trabalho, fazer uma breve explanação sobre os termos civilização e barbárie, e o que eles representaram na sociedade argentina. Estes termos apareceram no

debate político da região do Prata desde o começo do século XIX. De acordo com Sá (2012), os termos aparecem pela primeira vez, em jornais, em 1827.

E modo conciso, pode-se dizer que o termo civilização está relacionado ao progresso de uma sociedade, isto é, a busca constante pelo aprimoramento de sua estrutura social, bem como o nível intelectual dos membros a ela pertencentes. (SÁ, 2012). Este seria o contraponto do que se entendia por barbárie, que seriam “tradições envelhecidas, hábitos ignorantes e preocupações estacionárias”. (SÁ, 2012, p. 45).

Assim, pode-se dizer que tanto para Sarmiento, como para os homens da Geração de 37^[10], a civilização foi vista como um “valor e critério fundamental na elaboração de seus projetos de nação”. (SÁ, 2012, p. 47). Projeto este que não incluía os habitantes da área rural, pelo fato de serem vistos como atraso a este modelo tão almejado por eles.

2.2 A VISÃO DO GAÚCHO PELOS BRASILEIROS

Silvio Julio (1962) afirma que o gaúcho, é um tipo social diferente de outros que conformam as sociedades sul-americanas. Na verdade, ele possui um conjunto de qualidades imperiosas, que o afasta de outros tipos existentes no resto do mundo. Cavaleiro, carnívoro, pastor, não se dedica profundamente à agricultura, possui um estilo rústico além de ter uma fala expressiva, homem das planícies e muitas vezes nômade.

Para Vianna (1987, p. 53), o gaúcho:

É um produto histórico de três fatores principais: o habitat dos pampas, o regime pastoril e as guerras platinas. Estes três fatores, agindo em colaboração, modelam esse tipo social, específico, que é o pastor rio-grandense, cuja psicologia é particularíssima, especialmente no seu aspecto político.

Vianna (1987), para comprovar sua assertiva, faz uma comparação entre dois tipos sociais brasileiros – o gaúcho e o sertanejo – alegando que eles são tipos bastante específicos, por duas razões: ambos estão situados em locais particulares e a história de ambos ocorre em um campo de atuação circunscrito ao seu local de origem.

A respeito do gaúcho, em entrevista concedida ao Jornal Extra Classe em 1999 o folclorista e pesquisador João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes^[11] afirma que “não existe um gaúcho. Existem várias figuras

representativas nesta concepção generalizada de gaúcho. Todas as influências étnicas, regionais e sociais vieram contribuir para a formação desses gaúchos”.

Sobre o caráter e as qualidades do gaúcho, Brito (1928, p. 130) declara que:

Sobre as peleias individuais, desde já vai a afirmativa de que o povo não é altercador, nem dado a brigas. Ao contrário, com o seu caráter brando, pende mais para a harmonia. Mas não lhe pisem no ponche, pois, com o seu exagerado sentimento de dignidade, não leva desaforo para casa.

Entre outras características do gaúcho estão a lealdade, generosidade, bravura e coragem, como é dito, o Rio Grande do Sul sempre provou que não é terra de covardes. Para Chaves (1979), as características do gaúcho rio-grandense podem ser tanto individuais como coletivas. Segundo ele, individualmente o gaúcho foi e era capaz de cometer diversos atos de violência, já coletivamente, ele foi o amparo à segurança da pátria, a salvaguarda do território em todas as ocasiões de invasão, foi o defensor da sociedade que estava se constituindo, foi “o preparador da história, foi o preparador do povo” (p. 27).

O literato acima mencionado (1979, p. 27), também sugere a construção de uma estátua do gaúcho caracterizado de Farrapo. Tal sugestão é justificada pelo fato de o gaúcho ter sido “o lutador contra a prepotência do centro que só depôs as armas para lutar contra os inimigos de fora, de longe, de todo o ignoto espaço castelhano”.^[12]

Até fins do século XVIII o termo gaúcho mantinha um sentido pejorativo. Foi a partir da metade do século XIX, que gaúcho começou a ser utilizado para denominar o peão e o guerreiro, isto é, o homem da estância. Aquele que ao mesmo tempo em que era o encarregado de realizar tarefas pastoris, poderia, também – se necessário fosse – se tornar um militar, para defender a propriedade onde trabalhava, ou o território onde vivia. (CHAVES, 1991).

Sobre este tipo social regional César (1971, p. 37) afirma que:

Gaúcho é sinônimo de homem do campo. Afeito a duras lidas, sobra-lhe tempo para conhecer a natureza que o rodeia; surpreende-lhe os segredos – simpatia natural determinante de uma experiência que o predispõe a aceitar de bom grado, a amar com exagero tudo aquilo que valorize tal experiência.

Como leciona Marobin (1985, p. 33), existem vários outros nomes para gaúcho como, por exemplo, “campeiro, gaudério, guasca, guasca-largado, changador, guachos, peão, colorados, posteiro, belendregues, coureador, chasque, lanceiro, continentista, monarca, maragato e beduíno”.

Para Meyer (1957, p. 68), o gaúcho é:

O habitante quase nômade da vasta planície platina de um lado e de outro do grande rio. É argentino, é uruguaio e é brasileiro. Em toda a extensão o gaúcho é quase internacional, tipo étnico, branco ou mestiço (mas frequentemente mestiço de sangue indiano); não é, todavia pelos seus caracteres étnicos que ele se define, mas diversamente pelo seu viver errante, de aventura sem pouso certo. Pelo menos era essa a condição primitiva.

No que se refere ao “antigo” comportamento do gaúcho, havia igualmente um lado bom no ladrão do campo, visto que com suas habilidades campeiras, bem como sua propensão para a guerra, eles poderiam colaborar com distintos ofícios. Neste sentido, o depreciativo gaúcho passou a se remodelar e a representar o homem virtuoso e habituado com os trabalhos do campo. (MEYER, 1943).

Pode-se dizer que com o passar do tempo, o termo gaúcho recebeu novos matizes de sentido pela sociedade onde estava inserido. De um tipo basicamente marginal psicológico e social, ele passa a ser reconhecido como o trabalhador rural, o habitante da campanha, até tornar-se referência de todos e para todos, ao transformar-se em um gentilício. Conforme afirma Reverbel (1986, p. 85), “a própria figura que o termo representava terminou desaparecendo”.

No entanto, ainda que as características iniciais do gaúcho tenham desaparecido, como, por exemplo, o nomadismo, é importante ressaltar que as tradições culturais permanecem firmes até hoje, o hábito de se consumir o mate amargo, o chimarrão, é um destes exemplos.

3. A LITERATURA GAUCHESCA^[13] NA ARGENTINA

A literatura gauchesca, entre vários significados, pode ser compreendida como o primeiro relato vivo, do mito argentino, isto é, o gaucho (ASTRADA, 2006). Ela se situa em uma língua popular que se propõe a representar a voz social de um espaço geocultural que não estava imaginado no modelo político da classe dirigente “letrada”.

Esta literatura baseia-se frequentemente em relatos de primeira pessoa, escritos em uma língua repleta de “ruralismos” com diferentes níveis de realidade, cor local, personagens típicos, bem como uma construção imaginária que supõe ser um retrato da vida rural e do modo de falar das classes menos favorecidas. (SHUMWAY, 2005).

Conforme enfatiza Rojas (1960), a poesia gauchesca é a primeira experiência de uma arte própria argentina, assim como as demais formas estéticas que estão associadas à gauchesca (cinema, pintura, música, entre outros). Esta literatura, de acordo com ele, constitui “la poesía de la emoción territorial, médula vivaz del árbol simbólico que tiene su raíz en el folklore”. (ROJAS, 1960, p. 58).

Importante destacar, que a existência do gaúcho, na literatura argentina, foi testemunhada desde o século XVIII, a partir da obra *Lazarillo de ciegos caminantes*, de 1773, do espanhol Alonso Carrió de la Vandera, conhecido pelo pseudônimo de Concolorcorvo. Nesta obra, de acordo com Becco (1977, p. 9), o autor “cuenta allí como los paisanos – que llaman gauderios – entonan, acompañados por rústica guitarra, coplas improvisadas o inventadas, dejos memorizados de piezas aprendidas por transmisión oral de sus abuelos o padres [...]”. A literatura gauchesca neste momento é ainda considerada primitiva.

Neste sentido, Campra (2013) afirma que a gauchesca, como gênero, surgiu na Argentina com a Independência, na ocasião em que o gaúcho se torna um personagem principal da história, dado que exerce papel crucial nas batalhas contra os espanhóis e nas posteriores, no momento em que discrepâncias entre federais – defensores das autonomias provinciais – e unitários – correligionários de um governo centralizado em Buenos Aires – ensanguentaram o país.^[14]

Ludmer (2012) acrescenta que a militarização do setor rural no decurso das guerras de Independência, tal como o aparecimento análogo de um novo signo social, “o gaúcho patriota”, podem servir como alicerce do gênero na medida em que possibilitam

o acesso do estilo verbal dos gaúchos ao estatuto de língua literária, sua única representação escrita. Neste sentido, a autora compreende que “la guerra no es solo el fundamento sino la materia y la lógica de la gauchesca”. (LUDMER, 2012, p. 36).

Destarte, pode-se dizer que o gênero gauchesco é composto de um espaço histórico, ou seja, que compreende o período da Independência até o estabelecimento definitivo do estado argentino em 1880. (LUDMER, 2012).

Para Heredia (1996, p. 61) a literatura gauchesca “nace de la demanda social del gaucho y de las voces ‘ilustradas’ – neoclásicas, románticas, naturalistas – que, ya sea para negarla o para reconocerla, la designan patronímicamente para sentar y afirmar la distancia y la diferencia”.

Em relação às obras gauchescas, Borello (1977) afirma que na maioria das vezes, elas são escritas por autores “letrados” e urbanos, e têm a política como motivação principal para sua composição. Segundo ele, o interesse literário em retratar a vida do gaucho e seus costumes é, geralmente, secundário. Cabe mencionar que o gênero gauchesco se desenvolveu por meio de duas linhas ideológicas diferentes, para não dizer opostas. A primeira está relacionada ao público de classe alta, que a enxergava como um tipo de entretenimento onde a fala do gaucho e o atraso rural eram “satirizados”. Esta literatura foi considerada uma forma de entretenimento para uns e algo extremamente antipopular para outros.

A outra vertente é relacionada à literatura gauchesca populista, da qual Hidalgo^[15] faz parte. Esta corrente procurou garantir um lugar ao homem comum, o pobre do campo e mestiço, nas obras ficcionais do país. Esta literatura gauchesca “pós Hidalgo”^[16] almejava ultrapassar a barreira “erguida” pela classe considerada, culturalmente, “dominante”. Este objetivo é justificado por Hidalgo que considera o gaucho não apenas um argentino a mais, mas sim um autêntico argentino, isto é, o símbolo genuíno de uma nação emergente. (SHUMWAY, 2005).

Consoante ao que apresentamos anteriormente em uma nota, Bartolomé Hidalgo é considerado o precursor da literatura gauchesca, e reproduzindo as palavras de Fermín Chávez (1962, p. 9), ele foi o “creador del género gauchi-político”. Suas primeiras obras foram escritas entre 1818 e 1820.^[17] Os cielitos – que anteriormente possuíam um conteúdo proeminentemente amoroso da tradição popular, a partir deste autor – passam a ser de natureza política. (CAMPRA, 2013). Complementando este pensamento, Rama (2000, p. 3-4) define a poesia gauchesca como:

Uma poesia política e revolucionária, produto da primeira integração do criador com um público popular a cuja condução e ao serviço de cujos interesses sociais se entrega, oferecendo-lhe a primeira imagem artisticamente válida de seu fazer histórico, ou seja, situando-o vivamente como protagonista e promotor da história de sua terra.

Ainda de acordo com Rama (2000, p. 7) a poesia gauchesca “estabelece a conexão do racionalismo humanista do Século das Luzes com a totalidade da população e seu direito de expressar-se e de viver plenamente,

consubstanciada com a realidade concreta de que faz parte”. Nota-se o aspecto rousseauiano bastante presente nestas assertivas, no sentido de se buscar proporcionar a todos um tratamento igualitário, inclusive na literatura.

É pertinente destacar que a literatura gauchesca foi bem recepcionada por autores românticos, mas viveu à margem da literatura de “elite”. Durante grande parte do século XIX, sua existência era bastante restrita, o que podemos chamar de uma literatura quase “familiar”. Ela foi por muito tempo ignorada pelos representantes da “grande” literatura, pois para eles era impossível conceber um espaço para a literatura gauchesca dentro de um círculo literário “elitizado”. (BORELLO, 1977).

Na análise de Leumann (1953), a poesia gauchesca foi um “respiro”, um surpreendente sentimento de liberdade, que surgiu com as imagens, o estilo e com o rudimentar dos campos argentinos. Ela foi uma verdadeira revolução, concomitante à revolução política. Muito embora se origine humildemente de ranchos e pulperias, ela conquista – depois de muito tempo e esforço – êxito em Buenos Aires.

O fato de esta figura histórica ter desaparecido do pampa, fez com que evocações simbólicas e literárias surgissem. O gaucho foi elogiado e romantizado por nacionalistas e tradicionalistas. (SLATTA, 1992). Deste modo, o gênero pretende – por meio da literatura – resgatar a “imagem” de um personagem que foi historicamente extinto, e transformá-lo em um “ícone” da identidade nacional. (CAMPRA, 2013).

As principais obras argentinas em matéria gauchesca são respectivamente: Fausto, Impresiones de Anastacio el Pollo en la representación de esa época (1866) de Estanislao del Campo; Paulino Lucero (1846) e Santos Vega (1872)^[18] de Hilário Ascasubi; El Gaucho Martín Fierro (1872) e La vuelta de Martín Fierro (1879) de José Hernández; La Guerra Gaucha (1905) de Leopoldo Lugones; Santos Vega (1906)^[19] de Rafael Obligado e Don Segundo Sombra (1926) de Ricardo Güiraldes.

4. A LITERATURA GAUCHESCA NO BRASIL

O fato de situar-se nas fronteiras do extremo sul do Brasil, o Rio Grande do Sul adquiriu as obrigações de “protetor” da nacionalidade, diante dos países vizinhos. Acontecimentos históricos, guerras, disputas políticas, a conformação do solo e do clima conferiram à população gaúcha, fisionomia típica, que repercute em sua conduta, visão de mundo, bem como em expressões literárias. (MAROBIN, 1985).

No cenário literário brasileiro, o Rio Grande do Sul ocupava uma posição à parte. De acordo com Marobin (1985, p.11) isso ocorreu devido a

Uma ausência literária de quase três séculos. Longe dos centros colonizadores – Bahia e Rio de Janeiro –, o extremo sul do Brasil limitou-se a ser o brinquedo da cobiça dos bandeirantes, e do abandono da administração central. Os pampas e as coxilhas eram campos de lutas, de deslocamentos de fronteiras, de atos de bravura e de violência. De literatura, arte, expressões de beleza poética ou plástica, nada, ou quase nada.

Até o início de 1800 o Rio Grande do Sul foi, sob a ótica literária, um espaço que abrangia simplesmente mitos, lendas, contos populares e narrativas regionais. De acordo com Zilberman (1985) o início demorado da literatura na região, ocorreu pelo fato de grande parte – senão a maior – da população ser analfabeta, e as razões para este acontecimento eram a falta de escolas e de professores.^[20]

Entretanto, este “atraso”, ao contrário do que se imagina, originou um progresso no que se refere às características que converteram a literatura do Rio Grande do Sul em uma literatura autêntica, regionalista e firmemente consciente do encanto de seus campos, da coragem de seus homens, e do compromisso histórico que lhe toca dentro da sociedade brasileira. (MAROBIN, 1985).

Marobin (1985, p. 21) declara que “a grandiosidade das recordações históricas, como história dos tapes^[21], das missões, das tradições, dos farrapos, das lutas de fronteira, das batalhas e bravura dos heróis gaúchos são pontos referenciais que o gaúcho gosta de recordar”. Estas recordações são representadas na arte, história, literatura entre outras áreas do conhecimento, e são de extrema importância, pois, - como continua o autor - “abrem horizontes vastos para a mente e imaginação humana”.

Uma questão interessante de se notar na literatura gaúcha, é que a história se desloca facilmente para a “estória”, isto é, personagens históricos norteiam a narrativa dos romances ou são a fonte de inspiração para todos os tipos de obras literárias.

Como Marobin (1985, p. 24) explica “numa espécie de radiografia da história do Rio Grande do Sul, aparecem, como que emergindo de tempos imemoriais, personagens, heróis, acontecimentos e batalhas. Não há divisão nítida entre o real e a fantasia, entre o passado, o presente e o futuro”.

Por meio destas representações vivas, surgem de maneira clara, de acordo com Marobin (1985, p. 24), “o universal e regional, o pampa, gaúcho, o cavalo, o herói fantástico, o centauro das coxilhas^[22], o monarca altaneiro em campo aberto. É nova maneira de fazer literatura e história ao mesmo tempo”.

Pertinente apontar que a formação da literatura sul rio-grandense ocorre por meio do Romantismo tardio importado pelos escritores do Partenon Literário.^[23] Possivelmente a contribuição mais fecunda desta sociedade, tenha sido a introdução do Regionalismo^[24], bem como a escolha do “tipo humano” popular da época, - ou seja, aquele que estava relacionado com as atividades do campo, para constituir-se como elemento da expressão artística. (ZILBERMAN, 1985).

O regionalismo no Rio Grande do Sul teve, principalmente no campo literário, grande relevância, pois foi possível, por meio dele valorizar a cultura local bem como o tipo social que ali habitava. Permitiu, assim, que houvesse a solidificação de várias percepções do gaúcho, mas, ao mesmo tempo, não deixou de se vincular às mudanças estéticas, estilísticas e temáticas pela qual a literatura nacional esteve exposta ao longo dos anos. (ZILBERMAN, 1985).

A literatura gauchesca ou regionalista iniciou seu ciclo com o advento do Partenon Literário que – através de seus estudiosos – atraiu-se pelo passado gaúcho, e desta forma buscou “reviver o gaúcho largado, o homem livre dos primeiros tempos da conquista, os homens de 1835”. (CÉSAR, 1971, p. 173).

Como já mencionado, é difícil de encontrar a verdadeira origem da poesia gauchesca, mas ousamos arriscar que a vida do gaúcho da Campanha tenha sido o fator influenciador para que este tipo de literatura surgisse.

Para Moreira (1982, p. 35) “a Campanha, não mais que esta, é o grande tema do regionalismo gaúcho”. Para a literatura, existe uma valorização do homem fronteiriço que é retratado pelo homem que exerce a atividade do campo e que se opõe ao homem da cidade, que representa o “letrado” ou o estrangeiro que pouco ou quase nada conhece do campo.

Na opinião da autora, os homens da cidade, não ajudaram a construir o Rio Grande do Sul e tampouco representaram seu passado histórico. E assevera que talvez seja por isso que estes são, geralmente, “confrontados” na ficção regionalista.

Da mesma maneira que na Região do Prata a gauchesca teve um precursor, podemos dizer que o mesmo ocorreu no Rio Grande do Sul. Existem três autores que podem ser considerados os iniciadores do romance

gauchesco no Rio Grande do Sul, ou seja, quando pela primeira vez, o termo “monarca das coxilhas” foi utilizado. São eles: José Antônio do Valle Caldre e Fião com a obra “O Corsário”, Apolinário Porto Alegre com a obra “O Vaqueano” e Luiz Alves de Oliveira Bello com a obra “Os Farrapos”.

Apolinário Porto Alegre é considerado o precursor do regionalismo rio-grandense, e conforme César (1971, p. 207) relata, o escritor “não viu criaturas humanas, viu o gaúcho, tipo bem diferenciado, característico de uma região”.^[25] ^[26] Em contrapartida, Marobin (1985, p. 67) faz menção à obra “O Corsário” de Caldre e Fião e diz que ele foi “o criador do romance gaúcho. Em suas obras, estão retratadas a fisionomia dos pampas, a história, o povo, o gaúcho com seus costumes, sua cultura, seus ideais éticos e humanitários”.

Um aspecto importante a se considerar é que o reconhecimento em relação ao monarca das coxilhas passou a ser mais notório após a Revolução Farroupilha, que ocorreu de 1835 a 1845.

Havia igualmente, uma razão pela qual se pretendeu “transportar” características do tipo humano rural para o âmbito ficcional. A este respeito, Zilberman (1985, p. 22) alega que “o aproveitamento ficcional do tipo humano do campo – o peão, o campeiro e, depois, generalizadamente, o gaúcho – remonta às iniciativas pioneiras de constituição de um sistema literário no Rio Grande do Sul”.

No que diz respeito à literatura sul rio-grandense^[27], Mário de Andrade^[28] apud Chaves (1979, p. 184) atesta que dentre as literaturas regionais existentes no Brasil, ele acredita que a gaúcha seja a que mais expressa uma identidade de princípios, uma percepção de cultura, bem como igualdade intelectual e psicológica. E complementa afirmando que:

Há um caráter geral na inteligência gaúcha que, mesmo sem boleadeiras, cultivo exterior da valentia, pampices e minuanos de fácil cor local, tonalizam intimamente o gaúcho e lhe permitem permanecer dentro de um regionalismo mais profundo e enriquecedor da nossa entidade nacional.

A literatura teve, indubitavelmente, um papel crucial na afirmação da figura do gaúcho no espaço imaginário. Do mesmo modo em que ela, além de uma identidade regional, produziu uma identidade capaz de cruzar fronteiras e consolidar a comarca pampiana. (KAIFENHEIM, 2011).

As principais obras brasileiras em matéria gauchesca são respectivamente:

O Vaqueano (1872) de Apolinário Porto Alegre; A Divina Pastora (1847) e O Corsário (1851) de José Antônio do Valle Caldre e Fião;

Contos Gauchescos (1912) e Lendas do Sul (1913) de João Simões Lopes Neto; Ruínas Vivas (1910), Tapera (1911) e Alma Bárbara (1922) de Alcides Maya; e Sem Rumor (1937)^[29], Porteira Fechada (1944) e Estrada Nova (1954) de Cyro Martins.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM QUADRO COMPARATIVO ENTRE A LITERATURA GAUCHESCA ARGENTINA E BRASILEIRA

De acordo com César (1994), existem algumas diferenças entre os poetas do Rio Grande do Sul e da Região do Prata. Para ele, os poetas sul-rio-grandenses não queriam ser considerados homens da Campanha, e tampouco falar na primeira pessoa como os payadores,^[30] eles desejavam ser reconhecidos como poetas da cidade e que iam à Campanha apenas em busca do algo “diferente”.

Em compensação, os poetas da região platina procuravam incluir à civilização o “cheiro” do campo, a linguagem utilizada e a “rusticidade” da vida campeira, não como exploradores de uma localidade, mas sim, como parte desta. Diferentemente dos sul-rio-grandenses que escreviam sobre o gaúcho, suas atividades e características, mas procuravam, de acordo com palavras de César, manter certa distância entre eles e o personagem.

Sobre a literatura gauchesca rio-platense e a brasileira, é mister destacar que existem alguns pontos de confluências bem como de divergências. Entre os pontos de semelhanças podemos citar as características dos personagens: a relação do gaúcho com o cavalo, que era comum nos dois locais; a questão da liberdade; a questão social; o recrutamento para batalhas entre outros. (SCHLICKERS, 2007).

Em relação aos pontos de divergência, talvez o que mais seja evidente é a questão da abrangência, pois enquanto na Argentina e Uruguai esta literatura seja de amplitude nacional, no Brasil ela recebe o status de literatura regional. Reverbel (1986), neste sentido, concorda com a autora, e ainda afirma que esta diferença decorre do pequeno espaço que o gaúcho brasileiro ocupa no país.

Ainda de acordo com Reverbel (1986, p. 66), “nestas condições, a bibliografia brasileira sobre o gaúcho teria de ficar limitada às proporções desse tipo social no grande mural das gentes brasileiras, sendo bem outra, como é evidente, a posição do gaúcho na civilização rio-platense”.

Conforme explica Schlickers (2007), houve certa crise de identidade por parte dos sul-rio-grandenses, o que, segundo ela acredita, estimulou a criação de uma literatura regionalista que objetivava transmitir a

imagem do gaúcho sul-rio-grandense como um tipo regional brasileiro. A autora destaca também, que foi nos Contos Gauchescos de João Simões Lopes Neto, que surgiu o representante máximo da literatura gauchesca brasileira.

Entretanto, Schlickers (2007) afirma que as mesmas características encontradas no arquétipo do gaúcho de Lopes Neto, também estão presentes nos gauchos tanto da Argentina quanto do Uruguai.

Desta forma, a autora questiona a utilização da literatura gauchesca no Rio Grande do Sul enquanto representante de um tipo regional genuinamente brasileiro, uma vez que a identidade literária gauchesca não pode ser considerada única, nem específica ou original, sopesando que do outro lado da fronteira este tipo de literatura também existe, e é mais antiga.

Schlickers (2007) ainda alega que a presença literária do Rio da Prata encontra-se presente não apenas nas obras de Lopes Neto, mas nas demais obras que caracterizam o Regionalismo do Rio Grande do Sul.

Apesar de Schlickers (2007) indicar que críticos declararam que o Rio Grande do Sul não reconhece as semelhanças que possui com os países vizinhos, e tampouco a influência da literatura gauchesca platina, Ornellas (1956, p. 296) diz que “a poesia campeira do Rio Grande do Sul não fugiu às particularidades da poesia platina”, e continua dizendo que “Amaro Juvenal, sua mais alta expressão, nasceu de uma dessas coordenadas líricas. Procede da escola de Hidalgo, dos caminhos inaugurados por Hilário Ascasubi”.

Destarte, a possível explicação para o interesse do Rio Grande do Sul em se “agarrar” ao Regionalismo Brasileiro e buscar criar uma identidade gauchesca brasileira, se dê pelos inúmeros acontecimentos e conflitos que o estado teve que passar para fazer sua escolha, a de tornar-se independente da colônia hispânica e integrar-se à colônia portuguesa, fazendo parte do Brasil. Salientando que este estado passou por momentos bastante “sangrentos” para atingir tal objetivo.

Como os demais estados, ele também almejou possuir uma história, uma cultura e uma tradição que representassem sua trajetória, e viu na literatura gauchesca – na construção da figura do gaúcho ou monarca das coxilhas – esta oportunidade.

Acerca da criação do “gaúcho-tipo” é significativo declarar que sua “influência” derivou-se do centauro/monarca das coxilhas. Este gaúcho esquematizado ora pensado como tipo, símbolo, mito, é o componente de

ligação entre o regional e o universal. Possui livre circulação nos pampas, nas coxilhas e na imaginação do povo rio-grandense. É neste tipo humano que os literatos buscam estímulos e ideias. (MAROBIN, 1985).

Importante mencionar que ambas as literaturas gauchescas: argentina e brasileira, possuem um papel fundamental enquanto resgatadoras de uma memória que— por um determinado tempo — ficou “desaparecida” em suas sociedades.

Percebemos que, em conformidade com o que leciona Nora (1993, p. 18), “quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar”. Desta maneira, concordamos com o literato que quanto “menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares, que fazem de si mesmos homens-memória”.

É neste momento que surgiram os escritores gauchescos, cada um em um momento específico, contribuindo para que a memória e a história de uma época fossem “reavivadas”.

REFERÊNCIAS

ASTRADA, Carlos. **El mito gaucha**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 2006